****

**Não há como trilhar os caminhos da salvação sem humildade e amor.**

**Trigésimo domingo do Tempo Comum**

**27.10.2019**

Amados irmãos e irmãs, que a paz de Deus inunde a vida de vocês!

Nas semanas anteriores, fomos convidados por Jesus a refletir sobre o poder da fé, da perseverança e da oração, alicerçando nossa evolução espiritual, capacitando-nos para a construção cotidiana do “Reino”, não por nossas próprias forças, mas por nossa plena entrega ao poder divino. Sem dúvida, tal reconhecimento nos leva à profunda gratidão, pois somos inundados pela consciência da amorosa presença de Deus em nossa vida.

Mantendo-nos atentos à narrativa de Lucas que nos leva ao lado de Jesus em sua caminhada espiritual a Jerusalém, deparamo-nos, nesta semana, com o Mestre nos brindando com mais uma importante característica que deve estar presente em nossa prática orante: a humildade, a qual deve estar associada à persistência, que nos fora indicada na semana anterior. Assim, não basta orarmos insistentemente, faz-se necessário que nossa oração seja plena de humildade e amorosidade.

Atentemo-nos, então, ao texto de hoje e busquemos, após dedicada reflexão, a sua aplicação em nosso cotidiano.

9Contou ainda esta parábola para alguns que, convencidos de serem justos, desprezavam os outros: 10“Dois homens subiram ao Templo para orar; um era fariseu e o outro publicano. 11O fariseu, de pé, orava interiormente deste modo: ‘Ó Deus, eu te dou graças porque não sou como o resto dos homens, ladrões, injustos, adúlteros, nem como este publicano; 12jejuo duas vezes por semana, pago o dízimo de todos os meus rendimentos’. 13O publicano, mantendo-se à distância, não ousava sequer levantar os olhos para o céu, mas batia no peito dizendo: ‘Meu Deus, tem piedade de mim, pecador!’ 14Eu vos digo que este último desceu para casa justificado, o outro não. Pois todo o que se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado”. (Lc 18,9-14)

No trecho evangélico anterior ao que hoje nos debruçamos, Jesus nos apresenta a parábola do juiz iníquo e a viúva insistente, destacando a persistência da oração alimentando a fé. Hoje, mais uma vez, Ele nos traz a lógica divina do julgar, referindo-se, no entanto, ao autojulgamento. Ela não se sustenta nos princípios humanos do mero fazer correto, das ações adequadas e de acordo com as leis e as normas estabelecidas. Jesus nos leva à reflexão sobre a importância do humilde e verdadeiro juízo de si mesmo, à visão real de nossa pequenez, de nossa limitação humana e à importância da entrega humilde e incondicional de nosso ser nas mãos de Deus, mantendo-nos no leito da amorosidade divina e universal.

Para Jesus, o bom e correto juiz alimenta-se da inspiração divina e parte, a priori, do autojulgamento honesto, combinando humildade e amor, na busca constante de sua libertação do orgulho, da vaidade, da prepotência e da enganosa ilusão de superioridade sobre outras pessoas.

O julgamento do outro não nos cabe, muito menos quando o fazemos para utilizá-lo como degrau, com vistas, de forma ridiculamente enganosa, a nos aproximarmos de Deus. Não há dúvida que sem amor, humildade e compaixão, estaremos sempre nos afastando do Altíssimo, independentemente de nossas palavras ou, até mesmo, de nossas ações, pois o ato desprovido da correta intencionalidade, ou melhor, da ausência dela, apresenta-se somente como forma de ludibriar o julgamento humano, jamais o divino. Somos levados a refletir sobre a postura correta daquele que constrói continuamente seu caminhar em busca da plena iluminação, apartando-se do orgulho e da autossuficiência, abraçando, assim, a atitude humilde de quem tem consciência de suas limitações, apresentando-se diante de Deus de mãos vazias, disposto a acolher seus divinos dons.

Convido vocês, entretanto, a um breve perpassar pelo texto hoje em epígrafe, facilitando a compreensão das mensagens que nele Jesus nos brinda.

Neste trecho do “caminho de Jerusalém”, Jesus apresenta uma parábola “*para alguns que, convencidos de serem justos, desprezavam os outros*” (v. 9), cujos protagonistas são um fariseu e um publicano. O primeiro deles representa de forma icônica aqueles que defendiam intransigentemente a Lei, ou seja, os preceitos para serem rigorosamente cumpridos, vivendo-os de maneira escrupulosa e ensinando-os ao povo judeu, na certeza de ser este o único caminho para a santidade do Povo de Israel. Os fariseus, em sua grande maioria, formavam um grupo sério e devotado à santificação do seu povo. Porém, por seu fundamentalismo determinado e legalismo ferrenho, eles são criticados por Jesus em diversos momentos, principalmente por afirmarem a superioridade da Lei em detrimento das relações amorosas entre as pessoas e destas com Deus, estabelecendo um sentimento popular latente de pecado e de opressão.

Os “publicanos”, por sua vez, estavam ligados à cobrança dos impostos, servindo aos interesses dos dominadores romanas, dois aspectos que muito indignavam os judeus – pagamentos e dominação. Eles eram vistos como corruptos e traidores, usando do seu cargo para o auto enriquecimento imoral, o que correspondia, na grande maioria, à realidade. A aversão era tanta que, se um membro da comunidade farisaica assumisse o cargo de publicano, ele seria automaticamente expulso do grupo original, tendo em vista a reconhecida impossibilidade de reabilitação dos males causados (defraudações e enriquecimento ilícito). Eram, também, privados de certos direitos junto à comunidade judaica, não lhes sendo permitido o exercício de juiz, tampouco testemunharem em juízo. Pode-se dizer que era mínima a diferença entre os seus direitos e os dos escravos.

Pois bem, são apresentadas por Lucas posturas distintas diante de Deus por parte dos dois homens no templo.

O fariseu considera-se como modelo de conduta, cuja prática irreparável deve ser, segundo ele, merecedora de reconhecimento divino, chegando a agradecer a destacada diferença entre si e os demais seres, incluindo o publicano lá presente. Não apenas demonstra consciência de sua ilibada maneira de viver, como evidencia seu sentimento de superioridade religiosa e moral sobre os outros membros da sociedade local. Destaca-se a limitada e errônea visão de que sua salvação depende tão somente de seu esforço próprio, de sua conquista pessoal, independente de sua plena entrega e de sua relação com os demais seres e com Deus. Simplesmente desconhece a evolução espiritual decorrente do dom de Deus, de sua sempre presença orientando-nos a nos mover no caminho da verdadeira libertação. É como se Deus contabilizasse nossas atitudes e, caso o saldo fosse positivo, receberíamos como paga a salvação. Algo simplesmente matemático e postural. E mais, vê-se capaz e habilitado a julgar as pessoas que o cercam, utilizando-se de tal limitado julgamento como degrau de acesso à transcendência, evidenciando uma postura excludente e segregadora. Equivocada autossuficiência!!

Por outro lado, de forma absolutamente distinta, o publicano, que é considerado como vil e indigno pelo povo judeu, assume humildemente seus pecados, sua fraqueza e sua limitação diante de Deus, pois tem a consciência de suas atitudes inadequadas junto às pessoas, especialmente com os mais pobres. Reconhece-se desmerecedor do amor e da misericórdia de Deus, sequer sendo capaz de olhar ao alto para se direcionar a Deus. Assume as injustiças por ele cometidas, limitando, assim, sua oração ao reconhecimento de suas falhas e ao pedido da compaixão divina. Não destaca qualquer mérito próprio, mesmo se tivesse (o que não sabemos!!), apresentando-se diante do Senhor com as mãos vazias e o coração aberto, totalmente desprovido de qualquer tipo de vaidade, autossuficiência ou merecimento. Sua única pretensão é a compaixão de Deus.

Finda, Jesus, sua história com a afirmação da reconciliação do publicano com Deus, utilizando a expressão de ter descido “*para casa justificado*”, reportando-nos à doutrina paulina da justificação, isto é, a salvação do homem, mesmo limitado e pecador, por estar vinculada à misericórdia de Deus e não, apenas, aos méritos pessoais. Não que as práticas inadequadas devam ser desprezadas ou revestidas de pouca valia, mas o amor, a humildade, o reconhecimento das limitações e a incondicional entrega nos leva à verdadeira condução divina pelos caminhos da evolução espiritual e os atos decorrentes de tal fortalecimento. Por conseguinte, tal postura volta-se em prol do próximo, alicerçada no amor, na compaixão e na partilha desinteressada. Não há espaço para a autossuficiência, para a vaidade e para o orgulho no coração daquele que se permite ser conduzido pelo Espírito de Deus.

Atentemo-nos às nossas próprias misérias, que sempre são muitas, reconhecendo-nos fracos e limitados, mas passíveis de correção e crescimento espiritual em decorrência do amor divino, pois estamos neste mundo para evoluir espiritualmente, não para nos vangloriar das migalhas positivas que, por ventura, apresentamos ao longo de nossa vida. Devemos, sempre, renovar nossa confiança na misericórdia do Pai Eterno e permitir que seu Santo Espírito nos conduza pelo caminho amoroso da construção do “Reino”. Coloquemo-nos nas mãos do Altíssimo, vazios de nós mesmos, para que possamos ser plenificados de seu infinito amor, agraciados pelos seus dons e fortalecidos pelo seu Espírito, possibilitando-nos, assim, com humildade e confiança, à caminhada na direção da auto realização e completa libertação.

Um fraterno abraço e fiquem na paz de Deus!

Rev. Frei João Milton